



A EXPERIÊNCIA MILITAR DE ISRAEL

Delcy G. Doubrawa

No chamado "Conflito Sul-Sul", as guerras entre Israel e seus vizinhos oferecem material abundante para pesquisas e reflexões.

Neste artigo, o Cel R/1 Delcy G. Doubrawa, que foi Adido Militar do Brasil em Israel, aborda, com rara felicidade, diversos aspectos envolvidos nas várias fases de confronto, cujas facetas surpreendem o mundo a cada instante.

INTRODUÇÃO

Considera-se que, a partir do ano 70 da era cristã, quando se deu a segunda destruição do Templo de Jerusalém, os judeus, então batidos militarmente, resolveram abandonar a região, espalhando-se pelo mundo, num movimento batizado com o nome de Diáspora.

Na época, e no contexto da área, esse evento não apresentava maior significação. Nos 30 séculos precedentes, também haviam chegado e partido, com frequência medindo forças entre si, com outros povos, como os fenícios, assírios, hicsos, babilônios, caldeus, egípcios. . .

Nos 20 séculos seguintes, ora por razões militares e econômicas, ora religiosas, teriam um

domínio mais ou menos duradouro, sobre a área judia, turcos otomanos, cruzados, ingleses e árabes.

Por volta do ano de 1900 surgia na Europa um movimento objetivando o retorno dos judeus à terra de Israel. O líder da campanha era um jornalista austríaco chamado Teodoro Herzl e o movimento se chamaria Sionismo.

Na qualidade de potência mundial, em 1917, a Inglaterra, através de uma declaração conhecida como Balfour, reconheceu o direito dos judeus de estabelecerem um "lar nacional" na Palestina, sem prejuízo dos direitos civis e religiosos de comunidades não-judaicas que lá viviam.

A Turquia fora vencida na 1ª Guerra Mundial, e o Império Otomano, que se esparramara

pela Ásia Menor e pelo Oriente Médio, entrara em processo de esfecelamento. A Liga das Nações, então, em 1920, outorgou à Inglaterra um mandato sobre a Palestina, que vinha atender aos interesses ingleses na área.

Após a 2ª Guerra Mundial, o movimento sionista intensificou-se, tendo em vista a morte de 6.000.000 de judeus em campos de concentração da Europa, sacrifício conhecido como Holocausto.

Cerca de 30 anos durou o mandato britânico sobre a Palestina. Pouco antes do término do mandato, a Inglaterra enfrentou hostilidades tanto dos árabes, estabelecidos na área, quanto dos judeus que chegavam como imigrantes e pioneiros do movimento sionista. Os choques vinham-se intensificando, e as autoridades e meios do Protetorado sofrendo um progressivo processo de desgaste. Resolveram então os ingleses renunciar ao mandato e abandonar a Palestina, fixando data para isso.

O complexo problema da autonomia da Palestina foi levado ao foro das Nações Unidas e, em 1947, a Assembléia Geral aprovou uma resolução de partilha da Palestina entre árabes e judeus. A Resolução das Nações Unidas colimava o antigo anseio judeu de se restabelecer na região com independência, autonomia e liberdade. Aos árabes em geral, aos palestinos em particular, a Resolução era totalmente adversa; eles prometeram obstruir a implementação da partilha pela força das armas.

É o que veremos a seguir.

GUERRA DA INDEPENDÊNCIA

Síntese das operações

Vamos nos transportar para Tel Aviv e retroceder a 15 de maio de 1948. Os ingleses tinham fixado essa data para, extinto o mandato britânico, retirarem-se, em definitivo, da Palestina. À meia-noite, o Alto Comissário e os últimos funcionários ingleses embarcaram num cruzador fundeado ao largo.

Em um museu da cidade os representantes da comunidade judaica, sob a presidência de David Ben-Gurion, um velho e respeitado líder sionista, estavam reunidos em assembléia para proclamar de forma solene o estabelecimento de uma entidade judia na área - o Estado de Israel.

Oito horas depois, como já haviam prometido, os exércitos árabes vizinhos invadem Israel pelo norte, pelo leste e pelo sul. São forças respectivamente do Líbano, da Síria, do Iraque, da Transjordânia e do Egito (reforçadas pela Arábia Saudita).

As forças israelenses estavam distribuídas nas áreas de população predominantemente judia, que se mesclava, com freqüência, com áreas de população árabe; estavam organizadas em Brigadas, aproveitando efetivos de organizações clandestinas que operavam na Palestina (Palmach, Ir-gun, Lehi).

Até que se estabelecesse um

cessar-fogo, os árabes conseguiram ocupar cerca de um terço do território atribuído ao Estado judeu pelas Nações Unidas.

A trégua, ainda que curta (cerca de um mês), permitiu aos israelenses rearticular e reforçar seus efetivos e receber armamento, equipamento e munição.

Através de operações isoladas, nas diversas frentes, lograram os judeus, antes que se estabelecesse um segundo cessar-fogo, expandir seu controle territorial. Vinte meses após o primeiro ataque árabe subsequente à resolução da ONU, com os exércitos invasores contidos e batidos, a guerra tinha chegado ao fim.

Ensinamentos

A inexistência, nesse período, de generais israelenses experientes foi contrabalançada pela capacidade, visão, habilidade, tenacidade e liderança de Ben-Gurion, um estadista de inestimável valor para Israel, no momento histórico em que o Estado renascia, cercado de adversidades.

O esforço das operações descentralizadas ocorreu nos níveis operacionais de batalhão e de companhia. O sucesso se deveu às lideranças jovens, que deram provas de seu valor no exemplo pessoal, no desprendimento e no sacrifício – com o comandante da tropa sempre à sua frente. Os generais que nas quatro guerras seguintes vieram a ter atuação destacada emergiram justamente dos níveis de pelotão, companhia e

batalhão da Campanha da Independência.

As deficiências que os israelenses tiveram de enfrentar nessa guerra (efetivos reduzidos, ausência de armamento moderno, necessidade de combater simultaneamente em várias frentes) permitiram o desenvolvimento das seguintes características militares: flexibilidade; emprego da surpresa e de operações tipo comando; capacidade de inovação (a habilidade de combater à noite para neutralizar as vantagens de que gozava o inimigo tornou-se, a partir dessa guerra, usual nas Forças de Defesa de Israel – FDI) e velocidade nos deslocamentos.

CAMPANHA DO SINAI

Síntese das operações

A assinatura de armistícios em 1949 entre Israel e os países árabes vizinhos não trouxe tranquilidade para a região. Os árabes persistiam em sua política de recusar a aceitação de Israel como um Estado soberano e independente.

Por volta de 1956, estavam se tornando insuportáveis, para os judeus, as incursões predatórias dos fedains (guerrilheiros palestinos) através da fronteira, as ações de comando, os atos de sabotagem e terrorismo e a guerra econômica contra Israel.

O advento de Abdel Gamal Nasser ao governo do Egito traria um agravamento na situação, em vista de seu radicalismo, naciona-

lismo exacerbado e sua ambição política.

O passo seguinte do Presidente Nasser foi o de bloquear a navegação de embarcações israelenses pelo Canal de Suez e pelo Estreito de Tiran. Pouco depois do fracasso das negociações para o financiamento da construção da represa de Assuã, ele nacionalizou o Canal de Suez, onde os ingleses tinham a maioria das ações, e ameaçou também os interesses estratégicos dos franceses.

O acordo militar entre o Egito e a Síria convenceu David Ben-Gurion de que se fazia necessário o desencadeamento de um ataque preventivo contra o Egito, em busca da iniciativa das ações.

As forças egípcias desdobradas no Sinai (ver Figura 1), na véspera da campanha, eram:

- 1 DI - na Faixa de Gaza (Rafah, Khan Yunes)
- 1 DI - na área El Arish - Abu Ageila
- 1 Bda Bld - em Bir Gafgala
- 1 Bda Inf - no Passo de Mitla
- Força Móvel - ao longo da fronteira

Os israelenses dispunham de:

- 6 Bda Inf
- 1 Bda Pqd
- 1 Bda Bld
- 2 Bda Mec

De um modo geral, a campanha se desenvolveu em três fases principais. Na primeira, os egípcios não sabiam, a princípio, se se tratava de uma guerra ou de uma ação mais profunda de represália contra incursões de fedains. O

elemento surpresa foi obtido porque os israelenses permitiram o vazamento de uma desinformação: a mobilização em curso se destinava a um ataque contra a Jordânia, pois na fronteira com esse país tinham ocorrido muitas ações terroristas contra Israel.

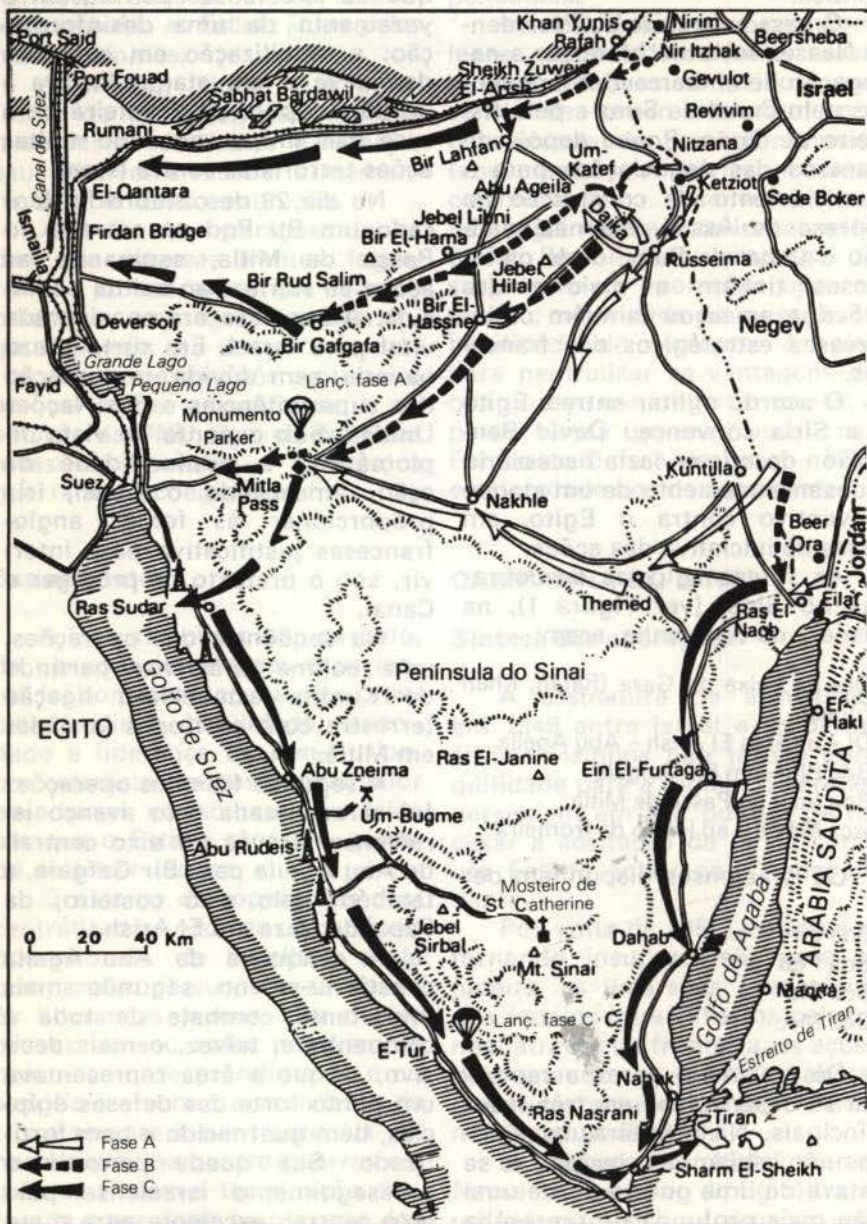
No dia 29 de outubro foi lançado um Btl Pqd na entrada do Passo de Mitla, separando as ações ao norte e ao sul da península. A surpresa era considerada vital para Israel. Em curto prazo haveria, sem dúvida, uma reação das superpotências e das Nações Unidas. Sob o ponto de vista diplomático, a profundidade da ação, ameaçando o Canal, iria proporcionar às forças anglo-francesas justificativa para intervir, sob o pretexto de proteger o Canal.

Na seqüência das operações, uma coluna israelense partindo de Kuntila estabeleceu ligação terrestre com as tropas lançadas em Mitla.

A segunda fase das operações foi caracterizada pelo avanço israelense através do eixo central, de Abu Ageila para Bir Gafgafa, e também pelo eixo costeiro, da Faixa de Gaza até El Arish.

A conquista de Abu Ageila constituiu-se no segundo mais importante combate de toda a campanha e, talvez, o mais decisivo, já que a área representava um ponto forte das defesas egípcias, bem guarnecido e bem fortificado. Sua queda permitiu o prosseguimento israelense pelo eixo central, excelente para o suprimento, e ameaçou seriamente

FIGURA 1



as forças egípcias na Faixa de Gaza.

Apesar da superioridade dos meios aéreos egípcios sobre Israel – cerca de 60% – sua atividade pelo ar foi neutralizada pelo bombardeio anglo-francês das bases egípcias, destruindo seus aviões em terra.

As forças anglo-francesas, constituídas por unidades de Infantaria, de Pára-quedistas e forças mecanizadas leves, e apoiadas por unidades navais e aéreas, estacionaram no Mediterrâneo oriental. Logo após o ultimatum aos egípcios e israelenses para que retirassem suas forças de ambos os lados do Canal, elas bombardearam os aeroportos egípcios.

Aos desembarques na entrada do Canal, em Port Said e Port Fuad, seguiu-se o lançamento de pára-quedistas em Ismailia e Abu Suweir. Pouco depois, por pressão política, ocorria o cessar-fogo.

Ensinamentos

Pela primeira vez o sistema de convocação de reservistas foi posto em funcionamento em toda sua amplitude, revelando-se eficiente, inclusive na manutenção do sigilo da mobilização e de seus objetivos.

A manutenção da superioridade aérea evidenciou-se como uma condição impositiva na aridez dos teatros de operações do Oriente Médio.

Confirmou-se a tendência já

observada na Guerra de Independência: a conveniência de os oficiais permanecerem à testa de suas frações, particularmente nos níveis mais baixos, liderando as ações, dando o exemplo pessoal e decidindo, por iniciativa, nas situações em que a conduta do combate variava constantemente (essa circunstância pode ser comprovada através do elevado número de baixas, nos escalões sob fogo direto, de oficiais e de graduados).

Também a flexibilidade foi uma característica que se evidenciou da maior importância, na tomada de decisões em combate.

GUERRA DOS SEIS DIAS

Síntese das operações

Ao norte do país, através da fronteira, os sírios, por intermédio de infiltrações ou por bombardeios de pequeno e médio calibres, inquietavam, causando baixas às populações israelenses de cidades ou núcleos agrícolas próximos à fronteira.

Pelo lado egípcio, o Presidente Nasser resolvera concentrar sete Divisões no Sinai e pediu ao Secretário Geral das Nações Unidas para retirar a Força de Emergência da Faixa de Gaza. Logo em seguida declarou fechado o Estreito de Tiran à navegação israelense.

A Jordânia aquiesceu em assinar um tratado militar com o Egito, colocando suas forças sob o comando de um general egíp-

cio. Outros países árabes mandaram contingentes para a área em questão.

1) Operações contra o Egito (ver Figura 1).

Às 7h45min de 5 de junho, a Força Aérea israelense desencadeou um ataque de surpresa sobre as principais bases aéreas egípcias, destruindo em terra mais de 90% de seus aviões de combate. No mesmo dia, a Força Aérea jordaniana foi destruída e a Força Aérea Síria perdeu dois terços de sua capacidade combativa. Obtida a supremacia aérea, a Força Aérea de Israel começou a propiciar um cerrado apoio de combate às formações terrestres que avançavam nas diversas frentes.

As forças egípcias no Sinai eram constituídas de cinco Divisões de Infantaria e duas Divisões Blindadas, totalizando cerca de 100.000 homens e mil carros de combate.

A estratégia israelense para a campanha consistia na ruptura da frente em três pontos; assim, três fases distintas foram estabelecidas:

Fase A - abrir os eixos Norte e Central, pela destruição da infra-estrutura da defesa egípcia;

Fase B - penetrar a fundo no Sinai;

Fase C - apoderar-se dos dois passos na região montanhosa que abrem o acesso para o Canal de Suez e impedir que as forças egípcias pudes-

sem se evadir para o lado africano do Canal.

Os egípcios pretendiam contra-atacar com uma força-tarefa blindada, entre Kusseima e Kuntila, cortando a extremidade sul de Israel e fazendo junção com os jordanianos.

Os israelenses atacaram às 8 horas de 5 de junho. Apesar do retardo provocado na ultrapassagem de regiões com dunas de areia, que os egípcios consideravam intransponíveis, as colunas israelenses avançaram com rapidez pelo Sinai. O Comandante das forças egípcias no Sinai perdeu o controle e começou a expedir ordens contraditórias, tumultuando a coordenação e criando uma atmosfera de pânico que se espalhou rapidamente, propiciando a debandada que se seguiu.

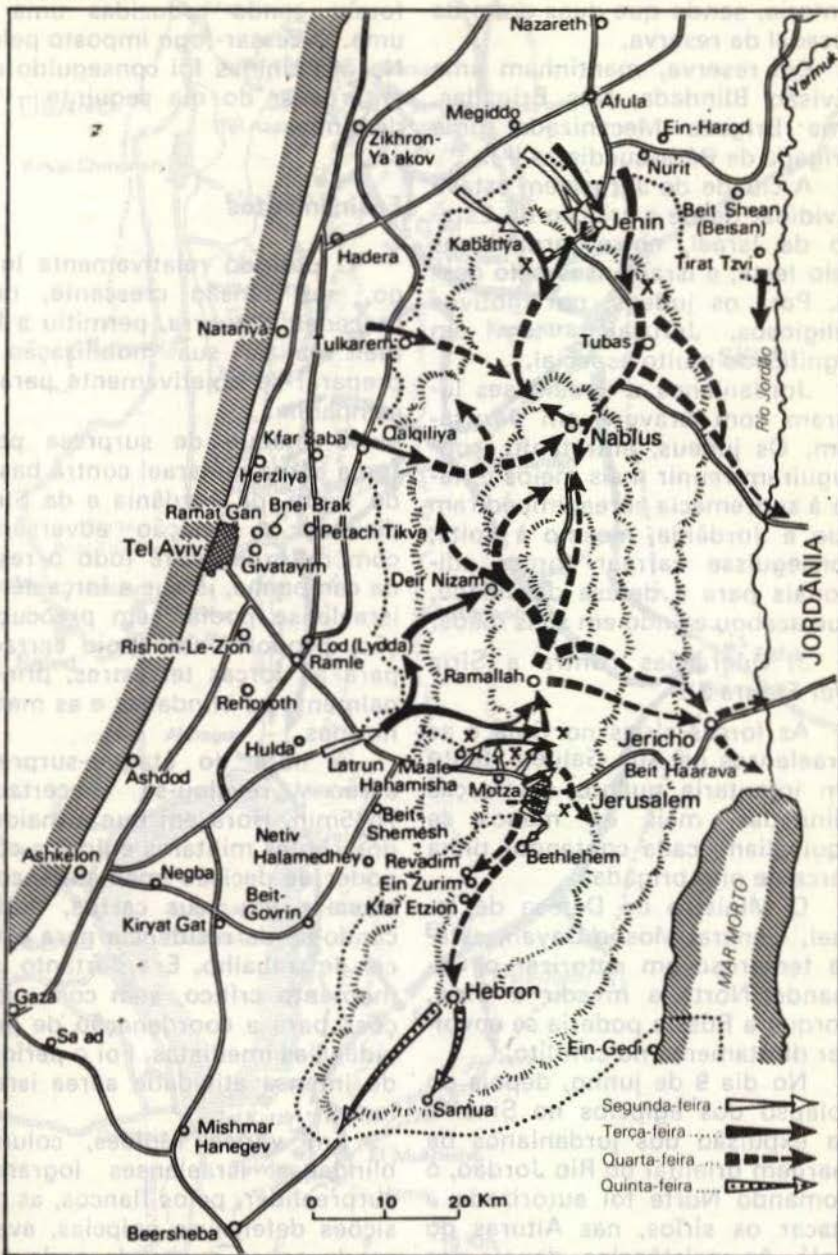
2) Operações contra a Jordânia (ver Figura 2).

As operações contra a Jordânia se desenvolveram num terreno diferente daquele do Sinai. Aqui, na Samarina e na Judéia, corre uma cadeia montanhosa no sentido norte-sul. Para os lados do Rio Jordão e do Mar Morto, as escarpas são íngremes. Poucas estradas dão acesso à planície costeira. A área em geral é mais humanizada.

As forças jordanianas eram constituídas de oito brigadas de infantaria e duas brigadas blindadas. Algumas brigadas do Iraque vieram reforçar a Legião Árabe; não chegaram, entretanto, a entrar no conflito.

Os israelenses nessa frente

FIGURA 2



dispunham de 10 Brigadas de Infantaria, sendo que duas eram de pessoal da reserva.

Em reserva, mantinham uma Divisão Blindada, três Brigadas, uma Brigada Mecanizada, uma Brigada de Pára-quedistas (-).

A cidade de Jerusalém estava dividida, desde a criação do Estado de Israel, entre jordanianos pelo leste, e israelenses pelo oeste. Para os judeus, por motivos religiosos, Jerusalém tem um significado muito especial.

Jordanianos e israelenses lutaram com bravura em Jerusalém. Os judeus, entretanto, conseguiram reunir mais meios e, face à supremacia aérea, impediram que a Jordânia, mesmo à noite, conseguisse carrear forças adicionais para a defesa da cidade, que acabou caindo em suas mãos.

3) Operações contra a Síria (ver Figura 3).

As forças sírias no Golã e as israelenses na Alta Galiléia, tanto em infantaria quanto em forças blindadas, mais ou menos se equivaliam; cada contendor tinha cerca de oito brigadas.

O Ministro da Defesa de Israel, General Moshe Dayan, estava temeroso em autorizar o Comando Norte a invadir a Síria, porque a Rússia poderia se envolver diretamente no conflito.

No dia 9 de junho, depois do colapso dos egípcios no Sinai e da expulsão dos jordanianos da margem oriental do Rio Jordão, o Comando Norte foi autorizado a atacar os sírios, nas Alturas do Golã. As resistências, depois dos

ataques da Força Aérea de Israel, foram sendo reduzidas uma a uma. O cessar-fogo imposto pelas Nações Unidas foi conseguido ao entardecer do dia seguinte - 10 de junho.

Ensinamentos

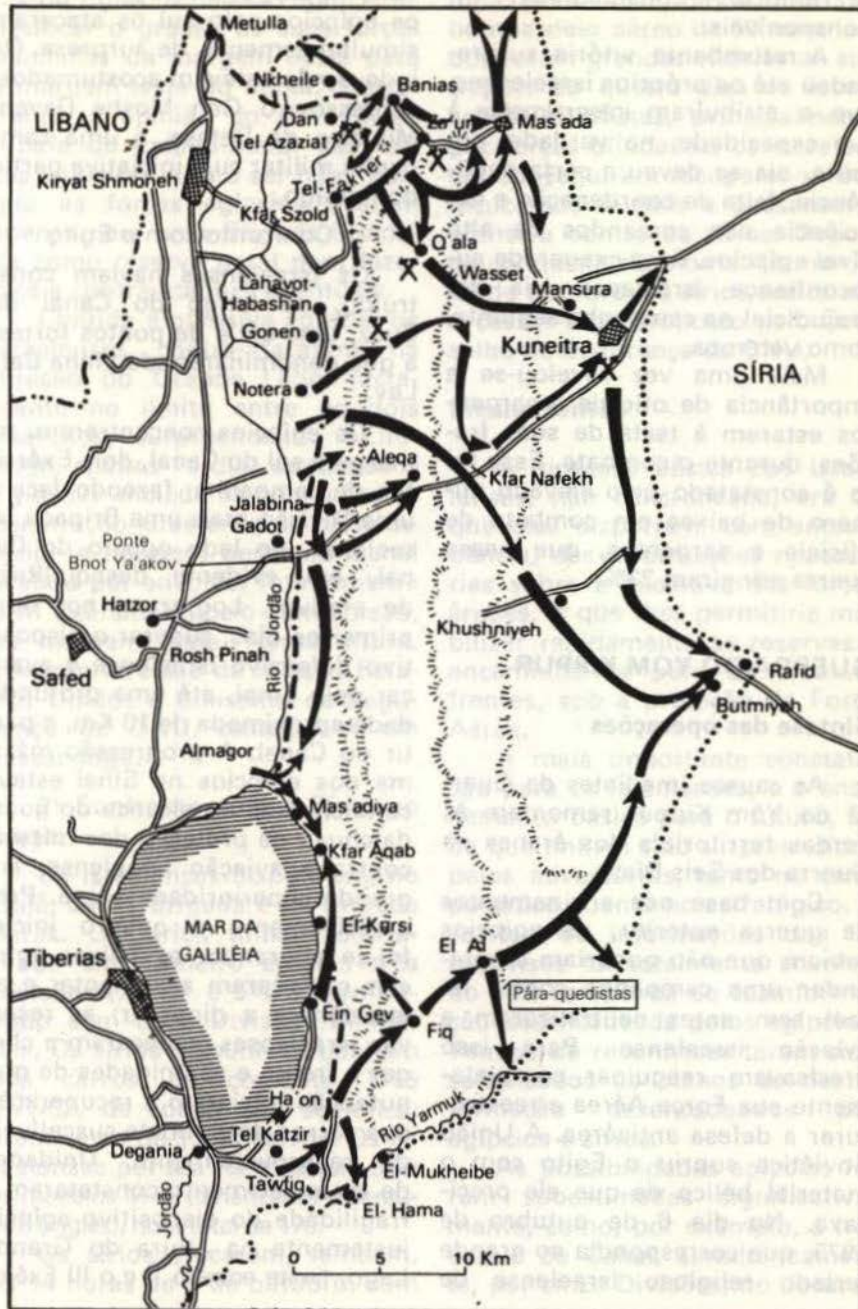
O período relativamente longo, sob tensão crescente, que precedeu a guerra, permitiu a Israel realizar sua mobilização e preparar-se objetivamente para a campanha.

O ataque de surpresa pela força aérea de Israel contra bases do Egito, da Jordânia e da Síria dizimou a aviação adversária, com reflexos sobre todo o resto da campanha, já que a força aérea israelense podia, sem preocupação, proporcionar apoio cerrado para as forças terrestres, principalmente as blindadas e as mecanizadas.

A hora do ataque-surpresa aéreo revelou-se acertada: 7h45min. Hora em que a maioria dos chefes militares egípcios com poder de decisão imediata encontrava-se em seus carros, deslocando-se da residência para o local de trabalho. Era portanto um momento crítico, sem comunicações para a coordenação de providências imediatas. Foi o período de intensa atividade aérea israelense.

Em várias regiões, colunas blindadas israelenses lograram surpreender, pelos flancos, as posições defensivas egípcias, avançando sobre dunas de areia que

FIGURA 3



os egípcios consideravam intransponíveis.

A retumbante vitória surpreendeu até os próprios israelenses, que a atribuíram integralmente à sua capacidade; na verdade, em parte, ela se deveu a certa negligência, falta de coordenação e deficiência nos comandos de alto nível egípcios. Essa exagerada autoconfiança israelense iria ser prejudicial na campanha seguinte, como veremos.

Mais uma vez revelou-se a importância de oficiais e sargentos estarem à testa de suas frações, durante o combate. Esse fato é constatado pelo elevado número de baixas em combate de oficiais e sargentos, que nessa guerra atingiram 23%.

GUERRA DO YOM KIPPUR

Síntese das operações

As causas imediatas da Guerra do Yom Kippur remontam às perdas territoriais dos árabes na Guerra dos Seis Dias.

Com base nos ensinamentos da guerra anterior, os egípcios sabiam que não poderiam empreender uma campanha contra Israel sem antes neutralizarem a aviação israelense. Para isso precisavam reequipar completamente sua Força Aérea e reestruturar a defesa antiaérea. A União Soviética supriu o Egito com o material bélico de que ele precisava. No dia 6 de outubro de 1973, que correspondia ao grande feriado religioso israelense de

Yom Kippur, os sírios pelo norte e os egípcios pelo sul os atacaram simultaneamente, de surpresa. Os judeus não estavam acostumados, confessou o Gen Moshe Dayan, Ministro da Defesa, a uma campanha militar cuja iniciativa partia do inimigo.

1) Confronto com o Egito

Os israelenses haviam construído, ao longo do Canal de Suez, uma série de pontos fortes, a que denominaram de Linha Bar-Lev.

Os egípcios concentraram, na margem sul do Canal, dois Exércitos de campanha, fazendo face a uma Divisão mais uma Brigada israelense, no lado oposto do Canal, em evidente desequilíbrio de efetivos. Lograram, nos dois primeiros dias, superar o dispositivo defensivo israelense e avançar pelo Sinai, até uma profundidade aproximada de 10 Km, a partir do Canal. A progressão máxima dos egípcios no Sinai estava condicionada ao alcance do guarda-chuva de proteção dos mísseis contra a aviação israelense, em grande superioridade aérea. Progressivamente o quadro inicial foi-se alterando: as baixas egípcias começaram a aumentar e as israelenses a diminuir; as reservas israelenses começaram a chegar à frente e as unidades de manutenção iniciaram a recuperação dos carros de combate suscetíveis de reaproveitamento. Unidades de reconhecimento constataram a fragilidade do dispositivo egípcio justamente na altura do Grande Lago, limite entre o II e o III Exérci-

tos do Egito. A decisão egípcia de deslocar o grosso de suas forças blindadas da margem oeste para a margem leste do Canal, contrariando a opinião do Gen Shazli (Chefe do Estado-Maior das forças egípcias) viria a ser fatal, porque as forças egípcias ficaram apenas com uma Brigada Blindada como reserva geral para fazer face a contra-ataques eventuais.

Contida a ofensiva egípcia, os israelenses contra-atacaram na direção do Grande Lago, justamente no limite entre os dois Exércitos, surpreendendo o inimigo, apenas 10 dias depois de o Egito ter iniciado as operações. A penetração israelense na parte inferior e margem oeste do Canal acabou por envolver inteiramente o III Exército egípcio num bolsão, na margem este. Nessa altura, por interferência da Rússia, Estados Unidos e Conselho de Segurança da ONU, conseguiu-se um cessar-fogo.

2) Confronto com a Síria, ao norte.

Os israelenses dispunham, no Golã, da 7ª Brigada e da Brigada Barak. Os sírios tinham desdobrado em primeiro escalão três Divisões (7ª, 9ª e 5ª) e aprofundado com duas Divisões Blindadas. Os sírios dispunham também dos carros de combate T-55 e T-62, de construção soviética; eram cerca de 1.500 carros. Os israelenses por sua vez contavam com os modelos M-60 (americano) e Centurion (inglês), num total de 170.

Os sírios atacaram, também, às 14 horas de 6 de outubro, com

uma preparação de artilharia e bombardeio aéreo de 50 minutos; obtiveram grandes vitórias ao sul. Depois do quatro dias de incessantes combates, principalmente por forças blindadas, os israelenses conseguiram recuperar-se dos insucessos iniciais e passaram à ofensiva contra os sírios. Depois da conquista de Monte Hermon, a 22 de outubro, os sírios aceitaram o cessar-fogo proposto pelo Conselho de Segurança da ONU.

Ensinamentos

A hipótese básica dos israelenses, não concretizada, era de que eles dispunham, com antecedência, das informações necessárias sobre a iniciativa das forças árabes, o que lhes permitiria mobilizar rapidamente as reservas e encaminhá-las para as diversas frentes, sob a proteção da Força Aérea.

A mais importante constatação para os israelenses, e o ensinamento básico para o futuro, foi de que tinham sido surpreendidos pelos adversários, tanto no campo tático quanto no estratégico. O serviço de informações dos israelenses foi totalmente envolvido pela campanha de desinformação desencadeada pelos egípcios. Tem-se de reconhecer terem sido sofisticados os planos de desinformação desencadeados por egípcios e sírios.

As possibilidades egípcias foram subestimadas significativamente, como, por exemplo, a travessia do Canal, simultaneamente, por cinco Divisões, no decurso

de apenas 24 horas. Durante uma só noite foram montadas 10 pontes para blindados e 10 pontes para o corpo de infantaria.

Subestimadas foram, também, as possibilidades logísticas do Iraque, principalmente em deslocar duas Divisões Blindadas numa distância de 600 km, através da Síria, chegando ao destino em condições de combater.

Constataram os israelenses que a pequena mobilidade da Infantaria foi causada por um número deficiente de viaturas de transporte de pessoal, impossibilitando a formação do binômio Infantaria/Blindados.

A preparação de Artilharia foi também negligenciada, dando-se mais ênfase ao apoio de fogo da Força Aérea, que foi barrada por densa cortina de mísseis egípcios terra-ar, ao longo de toda a frente.

GUERRA DO LÍBANO

Síntese das operações

Entre 1978 e 1982, a Organização para a Libertação da Palestina (OLP), a despeito da presença de 6.000 homens da UNIFIL (United Nations Interim Force in Lebanon) na área, tinha feito cerca de 290 ataques contra o norte de Israel e bombardeado a população de diversos núcleos com mais de 6.000 granadas, lançadas por artilharia ou por foguetes de longo alcance.

O objetivo da operação israelense (ver Figura 4) era conquistar uma faixa de 40 km de largu-

ra, de forma a esmagar a infra-estrutura de combate e de apoio de 8.000 combatentes da OLP, em grande parte treinados em países comunistas.

Um confronto com as forças sírias estacionadas no Líbano não tinha sido inicialmente planejado, embora o risco do entrelaque tenha sido previsto e medidas conseqüentes tenham sido cuidadosamente tomadas.

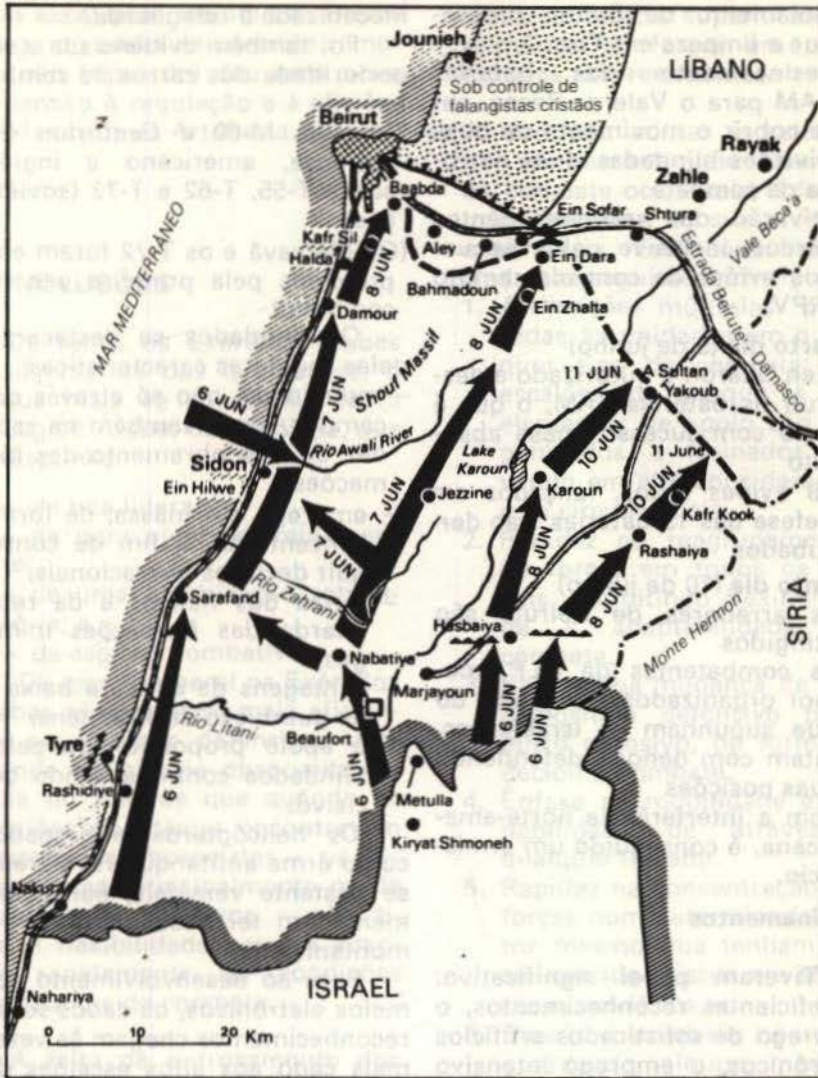
As condições topográficas condicionaram, para a operação, a organização de três colunas independentes, formadas por blindados, infantaria mecanizada e unidades de apoio. Ao todo eram 40.000 homens, em três Divisões.

A Força-tarefa do Oeste operaria ao longo da rodovia costeira, via Tiro, Sidon e Beirute, para limpar a faixa costeira, que tinha sido fortificada pela OLP. O avanço por terra seria combinado com o desembarque de tropas por mar, contornando passagens estreitas nas montanhas, cidades e núcleos de resistência.

A Força-tarefa do Centro avançaria ao longo das encostas ocidentais da cadeia de montanhas do Líbano, via Nabatya e Jezzine, até a rodovia Beirute - Damasco, de forma a interromper a linha de comunicações dos sírios entre a capital libanesa e o Vale de Becaá.

A Força-tarefa do Leste avançaria das alturas de Gojã em direção a Hasbaiya, Fatafância e ao Vale de Becaá. Deveria estar em condições de combater os sírios, caso eles intervierem nas operações.

FIGURA 4

**Primeiro dia (6 de junho)**

- avanço terrestre de 20 Km combinado com desembarque na altura do Rio Litani
- cerco da cidade de Tiro

Segundo dia (7 de junho)

- ligação de forças em Sidon (Coluna Central e de Oeste)
- contato com forças sírias em Jezzine

Terceiro dia (8 de junho)

- isolamento de Sidon; prossegue a limpeza em Tiro
- deslocamento das baterias SAM para o Vale de Becaa, para cobrir o movimento de duas Divisões blindadas sírias na zona de combate
- ativação dos reconhecimentos aéreos, inclusive pelos pequenos aviões de controle remoto (RPV)

Quarto dia (9 de junho)

- Gen Sharon é autorizado a destruir as baterias SAM, o que é feito com sucesso quase absoluto
- 29 aviões sírios, lançados em defesa das 19 baterias, são derubados

Quinto dia (10 de junho)

- os arredores de Beirute são atingidos
- os combatentes da OLP, melhor organizados e armados do que supunham os israelenses, lutam com denodo defendendo suas posições
- com a interferência norte-americana, é conseguido um armistício.

Ensinamentos

Tiveram papel significativo: os eficientes reconhecimentos, o emprego de sofisticados artificios eletrônicos, o emprego intensivo dos RPV e de mísseis anti-radar, assim como a completa superioridade aérea israelense.

Foi evidenciada a falta de flexibilidade na organização soviética das Divisões Blindadas sírias, com duas Brigadas Blindadas em

primeiro escalão e uma Brigada Mecanizada à retaguarda.

Foi também evidenciada a superioridade dos carros de combate:

Mercavá, M-60 e Centurion (israelense, americano e inglês) sobre T-55, T-62 e T-72 (soviéticos)

(Os Mercavá e os T-72 foram empregados pela primeira vez em combate.)

Os blindados se destacaram pelas seguintes características:

- mobilidade, não só através dos campos, como também na rapidez do desdobramento das formações;
- emprego em massa, de forma concentrada, a fim de conseguir decisões operacionais;
- busca dos flancos e da retaguarda das formações inimigas
- vantagens da silhueta baixa e da guarnição de 4 homens;
- o apoio proporcionado pelos blindados continua sendo decisivo.

Os helicópteros empregados como arma antitanque revelaram-se bastante versáteis, particularmente em terrenos ondulados e montanhosos.

Face ao desenvolvimento dos meios eletrônicos, os dados sobre reconhecimentos chegam às vezes mais cedo aos altos escalões do que aos escalões mais baixos. Assim, o fluxo de informações - ao contrário do que acontecia no passado - corre mais no sentido dos mais altos para os mais baixos escalões.

O apoio de fogo de Artilharia

foi usado de forma concentrada, com excelentes resultados. O emprego do avião de controle remoto (não tripulado) deu uma nova dimensão à regulação e à eficiência dos tiros de Artilharia.

beneficiem de um grande fator, qual seja: a superioridade numérica de forças em proporções surpreendentes.

CONCLUSÕES

a. De todos os Exércitos árabes adversários dos israelenses, o que mais se sobressaiu foi a Legião Árabe, da Jordânia, que dispunha:

- de boa liderança;
- de bom nível de treinamento;
- de uma organização satisfatória; e
- de espírito combativo.

De maneira geral os Exércitos árabes revelaram-se mais eficientes no combate defensivo. Uma grande deficiência observada residia no fato de que quando os escalões de ataque encontravam resistências imprevistas - os comandantes, principalmente os de escalões mais baixos - não tinham flexibilidade para se adaptar rapidamente às condições cambiantes do combate.

b. A falta de entrosamento dos Exércitos árabes entre si, nas diversas campanhas, foi um fator de que se beneficiou Israel. O surgimento periódico de lideranças nacionais mais exaltadas desperta desconfianças e tem impedido que os árabes se

c. A doutrina militar israelense que assimilou também técnicas de combate ocidentais, é fruto principalmente de sua própria experiência. Está consubstanciada nos seguintes princípios:

1. Atribuições múltiplas para todas as unidades em qualquer tipo de combate; os escalões de ataque e os elementos de apoio são organizados e treinados levando em alta consideração esta circunstância.
2. Rapidez no reagrupamento de forças em todos os níveis, permitindo flexibilidade e adaptabilidade ao combate.
3. Rapidez na mudança de um dispositivo defensivo para outro ofensivo, de forma a decidir o combate.
4. Ênfase na mobilidade e na habilidade de atravessar qualquer terreno.
5. Rapidez na concentração de forças num determinado setor mesmo que tenham de ser corridos riscos em setores secundários.
6. Buscar o combate na retaguarda do inimigo, mesmo nos estágios iniciais do encontro.
7. Tentar penetrações profundas nos dispositivos inimigos, para tanto ultrapassando pontos fortes ou áreas bem defendidas.

8. Emprego do poder aéreo na decisão do combate terrestre.

Ao terminar estas anotações despretensiosas formulamos uma

pergunta: até que ponto terão validade para nós os ensinamentos colhidos pelos israelenses nas guerras que empreenderam contra países árabes vizinhos?



O Cel Inf Delcy Gorgot Doubrawa foi declarado Aspirante em 1953. Concluiu os cursos de Educação Física em 1959, Aperfeiçoamento de Oficiais em 1963, Estado-Maior em 1969 e CEMCFA em 1978. Pertenceu ao 2º Contingente do Batalhão Suez e foi Adido Militar em Israel (1983-1985). Transferiu-se para a Reserva em 1986. É natural de Pelotas, RS.